

PROJETO DE UM HOSPITAL INFANTIL NA CIDADE DE OURINHOS

DESIGN OF A CHILDREN'S HOSPITAL IN THE CITY OF OURINHOS

¹RAMOS, M. C., ²PADOVAN, L.D.G., ²ARAKAKI, E.M.

¹ Discente Curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO/FEMM

² Docente Curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO/FEMM

RESUMO

O hospital infantil, hoje em dia, é tema de questões sociais e políticas e de prioridade perante a sociedade. E o trabalho vem destacar e salientar sua importância na vida e no desenvolvimento da população dentro de uma sociedade. Com a ajuda da arquitetura como elemento facilitador através da forma e do espaço, o hospital pode trazer e fomentar mais benefícios do que os que já são esperados. A humanização inserida nos projetos hospitalares através de novas propostas de leitura dos espaços pode ser parceira no tratamento de doenças, diminuindo o tempo de internação e melhorando a qualidade de vida dos pacientes. O trabalho trata de assuntos que correspondem às necessidades da população de Ourinhos e região, a respeito do setor da saúde do município, evidenciando a saúde da criança, tendo como proposta a implantação de um projeto de um Hospital Infantil a fim de estabelecer novos horizontes e expectativas a saúde pública, favorecendo a estrutura sociopolítica da cidade de Ourinhos e sua região.

Palavras-chave: Hospital Infantil; Arquitetura; Humanização; Criança

ABSTRACT

The children's hospital today, is the subject of social and political issues of priority and to society. And the work is to highlight and emphasize its importance in the life and development of people within a society. With the help of architecture as a facilitator through form and space, the hospital can bring more benefits and encourage those who are already expected. Humanization inserted in hospital projects through new proposals for reading the spaces can be a partner in the treatment of diseases, reducing the length of stay and improving quality of life of patients. The work deals with issues that meet the needs of the population of the region and Ourimbah, about the health sector of the city, showing the child's health, with the proposal to implement a project for a Children's Hospital to establish new horizons and expectations the public health by promoting socio-political structure of the town of Ourimbah and its region.

Key words: Children's Hospital; Architecture; Humanization Child

INTRODUÇÃO

A importância da criança e seu espaço na sociedade é uma questão que vem sendo discutida de forma séria e prioritária. Juntamente com essa questão, os hospitais infantis veem recebendo reconhecimento de caráter necessário dentro de

uma sociedade. Os hospitais infantis visam o bem estar da criança e é essencial que ela possa receber tratamentos e cuidados específicos, que acabam passando despercebidos em um hospital geral.

A pediatria, diferente das demais especialidades, trata de todas as áreas da medicina, porém, dentro de uma faixa etária específica. Geralmente essa faixa etária vai até o fim da adolescência, (em alguns casos que o adolescente já tem a sexualidade desenvolvida, é recomendado que inicie mais cedo o processo de passagem do pediatra para um especialista). (JÁRMY, 2006)

Na primeira fase da vida, a manutenção da saúde do bebê é tão importante quanto o tratamento de uma doença. Algumas são imperceptíveis para os pais nos primeiros meses de vida. Essa fase é marcada por grandes transformações e o acompanhamento mensal de um pediatra é imprescindível para um bom desenvolvimento e crescimento.

A valorização da hospitalidade nas unidades hospitalares se torna mais evidente a cada dia, sendo as unidades pediátricas lugares onde a presença de familiares é obrigatória de acordo com a Lei n. 8069/90. (CRISTO *apud* BRAGA, 2009, p. 11)

O conceito de humanização de ambientes nos hospitais infantis é um tema muito importante, pois os espaços humanizados, menos hostis e impessoais, contribuem de forma ativa na recuperação dos pacientes.

Em um ambiente hospitalar humanizado a criança e o adolescente encontram locais destinados à realização de atividades recreativas dentro do próprio hospital, amenizando assim o sofrimento decorrido de doenças ou tratamentos.

Os hospitais de especialidades que tem qualidade de formação e atendem dentro dos padrões específicos, em sua maioria, se encontram localizados nas capitais ou grandes centros. Poucas vezes se encontra hospitais de especialidades de referência nas pequenas cidades.

Essas regiões afastadas dos grandes centros carecem de atendimento hospitalar especializado e um número suficiente de profissionais capacitados.

“A necessidade de mais profissionais de saúde no Brasil é clara, mas a única opção a ser implementada em curto prazo é distribuir melhor os médicos pelo país e evitar que eles deixem as pequenas cidades em busca de trabalho nos grandes centros.” (SÉRGIA, 2011)

A CONCENTRAÇÃO DE HOSPITAIS EM GRANDES CENTROS

Os principais e mais bem equipados Hospitais de especialidades se concentram nas capitais ou grandes centros.

Os grandes centros estão capacitados por Hospitais de referência em pediatria. Sua população não precisa sair da cidade para buscar tratamentos específicos. Ela encontra todos os tratamentos necessários perto de sua residência.

O estado de São Paulo é dividido por 24 (vinte e quatro) regiões, pela Secretaria da Saúde, são as Direções Regionais de Saúde (DIR).

Tabela 1 - Distribuição dos municípios segundo existência de leitos por faixa de habitantes. (Estado de São Paulo – dez. 2005)

	Municípios com leitos	%	Municípios sem leitos	%
Até 5.000 hab.	3	0,79	162	60,67
De 5.001 a 15.000 hab.	34	8,99	91	34,08
De 15.001 a 30.000 hab.	13	3,44	12	4,49
De 30.001 a 100.000 hab.	261	69,05	2	0,75
De 100.001 a 500.000 hab.	58	15,34	-	-
Acima de 500.001 hab.	9	2,38	-	-
Total	378	100,00	267	100,00

Fonte: IBGE 2005 CNES dez 2005

Tabela 2 - Distribuição dos Hospitais Gerais, Psiquiátricos e Especializados segundo direção regional. (Estado de São Paulo, 2005.)

DIR	Hosp. Geral	Hosp. Psiquiátrico	Hosp. Especializado	Total
São Paulo-Capital	45	9	21	75
Santo André	13	1	3	17
Mojí das Cruzes	16	0	3	19
Franco da Rocha	9	1	0	10
Osasco	14	1	3	18
Araçatuba	19	3	2	24
Araraquara	18	2	2	22
Assis	12	1	0	13
Barretos	12	1	1	14
Bauru	25	2	4	31
Botucatu	18	1	0	19
Campinas	43	5	9	57
Franca	13	1	0	14
Marília	22	6	2	30
Piracicaba	14	2	0	16
Pres. Prudente	18	4	1	23
Registro	11	0	0	11
Ribeirão Preto	22	1	1	24
Santos	17	0	2	19
S. J. da Boa Vista	18	5	1	24
S. J. dos Campos	17	2	3	22
S. J. do Rio Preto	43	3	2	48
Sorocaba	33	7	5	45
Taubaté	20	0	3	23
Total	492	58	68	618
%	79,61	9,39	11,00	100

Fonte: CNES dez.2005 SHI/SUS DATASUS 2005

Nas tabelas 1 e 2, percebe-se que a maioria dos hospitais gerais encontra-se na capital do estado, onde está também a maior concentração de leitos SUS, seguido pela DIR Campinas e DIR São José do Rio Preto. Os hospitais especializados estão distribuídos nas áreas de cardiologia, oncologia, obstetrícia, oftalmologia, ortopedia, pediatria e outros de longa permanência, em maior número na Capital e DIR Campinas. (MAGALHÃES, 2005)

Com o número excessivo de pessoas buscando vagas em hospitais em um só lugar, gera um problema muito conhecido no meio da saúde pública, que é a falta de infra-estrutura para suportar a quantidade de pessoas em excesso nos hospitais.

O SUS (Sistema Unificado de Saúde) vem encaminhando seu funcionamento de forma deficiente. O Brasil, em toda sua extensão territorial, criou culturas regionais muito específicas. Cada região tem sua particularidade. O SUS, porém, não conseguiu criar uma administração eficaz para o sistema. (GÓES, 2004)

“[...] muitos municípios não estão pondo em prática a política de saúde. Em vez de investimentos nas ações básicas, preferem adotar a política de enviar os pacientes para as sedes regionais, não importando os níveis de complexidade da enfermidade. Casos simples que poderiam ser atendidos na sede do município são transferidos, no mais das vezes, para as capitais dos Estados, sobrecarregando os serviços aí existentes.” (GÓES, p. 2, 2004)

Os acompanhantes dos enfermos também sofrem com despreparo do hospital para recebê-los. Além disso, a cidade que recebe essa carga extra de trabalho não ganha nada com isso, pelo contrário, perde. E quando essa carga está relacionada com hospitais, a consequência tende a ser desastrosa.

ESTUDO DE CASO: HOSPITAL PEQUENO PRÍNCIPE

Durante a Primeira Guerra Mundial, um grupo de mulheres de Curitiba decidiu criar um projeto de atendimento à saúde para a população carente da cidade, visualizando principalmente as crianças. Em 1919, com o auxílio de médicos e líderes sociais locais, elas deram início ao atendimento de crianças no recém inaugurado Dispensário Infantil.

O grupo de mulheres trabalhou incansavelmente no projeto de construção de um Hospital de Crianças durante onze anos. E finalmente, teve sua inauguração em 1930. Em 1951 recebeu a denominação de Hospital de Crianças Dr. Cesar Pernetta.

Em 1971 foi inaugurado o então atual Hospital Pequeno Príncipe, com o compromisso de projetar, implantar e gerir um Complexo Hospitalar, que buscasse atender crianças de qualquer condição.

No quesito “humanização”, o Hospital Pequeno Príncipe foi precursor no seu atendimento aos pacientes. Desde 1990, ele vem realizando práticas no atendimento que visam cuidados emocionais nos tratamentos feitos nos pacientes. Essa nova linguagem de atendimento fez com que o tempo de internação diminuísse em 50%. (AZEVEDO *et all*, 2010)

O Pequeno Príncipe mantém mais de quinze programas de humanização, incluindo programas de assistência à família dos pacientes, programas de educação e cultura, garantindo atendimento escolar aos pacientes internados, etc.

A estrutura física do Hospital Pequeno Príncipe se baseia em três edifícios principais interligados e quatro anexos, formando o Complexo Hospital Pequeno Príncipe que ocupa uma área de mais de dezessete mil metros quadrados. Foi o primeiro hospital no Brasil que teve sua arquitetura totalmente voltada para o atendimento infantil. As proporções, os espaços, as cores e decoração foram pensados pra um público exclusivo, que são as crianças.

A internação conta com 390 leitos, sendo que 62 são para Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e Semi-Intensiva. A taxa de ocupação dos leitos é de aproximadamente 80%. (Fonte: <http://www.hpp.org.br>)

Figura 3 – Foto da fachada do Hospital Pequeno Príncipe



Fonte: <http://www.portalhumaniza.org.br>. Acessado em 09/06/2011

Figura 4 – Foto interna do Hospital Pequeno Príncipe



Fonte: <http://www.hpp.org.br>. Acessado em 09/06/2011

PROPOSTA DO LOCAL A SER IMPLANTADO

Está localizada no interior do estado de São Paulo, com população de 103.035 (cento e três mil e trinta e cinco) habitantes (segundo IBGE Censo 2010).

Ela é um ponto de referência em saúde para a região. Muitas pessoas vão até a cidade em busca de diversos tratamentos. Porém na área da pediatria a cidade ainda está aquém. Sendo assim, não só a população da cidade fica desamparada, mas também a população da região.

Desta forma, o objetivo deste trabalho é uma proposta de um hospital infantil na cidade de Ourinhos, para atender sua população e região.

Baseando-se em entrevistas feitas com profissionais da área de saúde na cidade de Ourinhos, foram levantados dados para obter um programa de necessidade específico para a cidade.

Para obter um bom resultado sobre o projeto que será implantado, foram pensados alguns pontos importantes dentro do projeto.

A UTI pediátrica é muito importante dentro de um hospital. Ela é responsável pela queda de mortalidade infantil em muitas regiões, inclusive na região centro-oeste paulista, onde se localiza a cidade de Ourinhos. “Uma iniciativa tomada há 12 anos pela Santa Casa de Misericórdia de Ourinhos foi uma das medidas mais importantes para a redução do índice de mortalidade infantil na região: a implantação de uma UTI neonatal e infantil.” (KAI, 2001)

Tabela 3 – Índice de Mortalidade Infantil (Região de Ourinhos)

ÍNDICE DE MORTALIDADE INFANTIL NA REGIÃO			
CIDADE	1990	2000	2001
Bernardino de Campos	46,88	5,95	23,67
Chavantes	14,87	20,10	8,85
Ipaussu	24,82	16,60	9,62
Ourinhos	30,14	14,85	10,94
Santa Cruz do Rio Pardo	22,55	14,93	15,51
São Pedro do Turvo	45,80	31,01	18,35

Fonte: Secretaria Estadual de Saúde (www.saude.sp.gov.br)

Fonte: Secretaria Estadual de Saúde (www.saude.sp.gov.br) Acessado em 25/04/2011

Ainda com base nessas pesquisas foram encontradas necessidades de especializações nas áreas de traumatologia e doenças respiratórias.

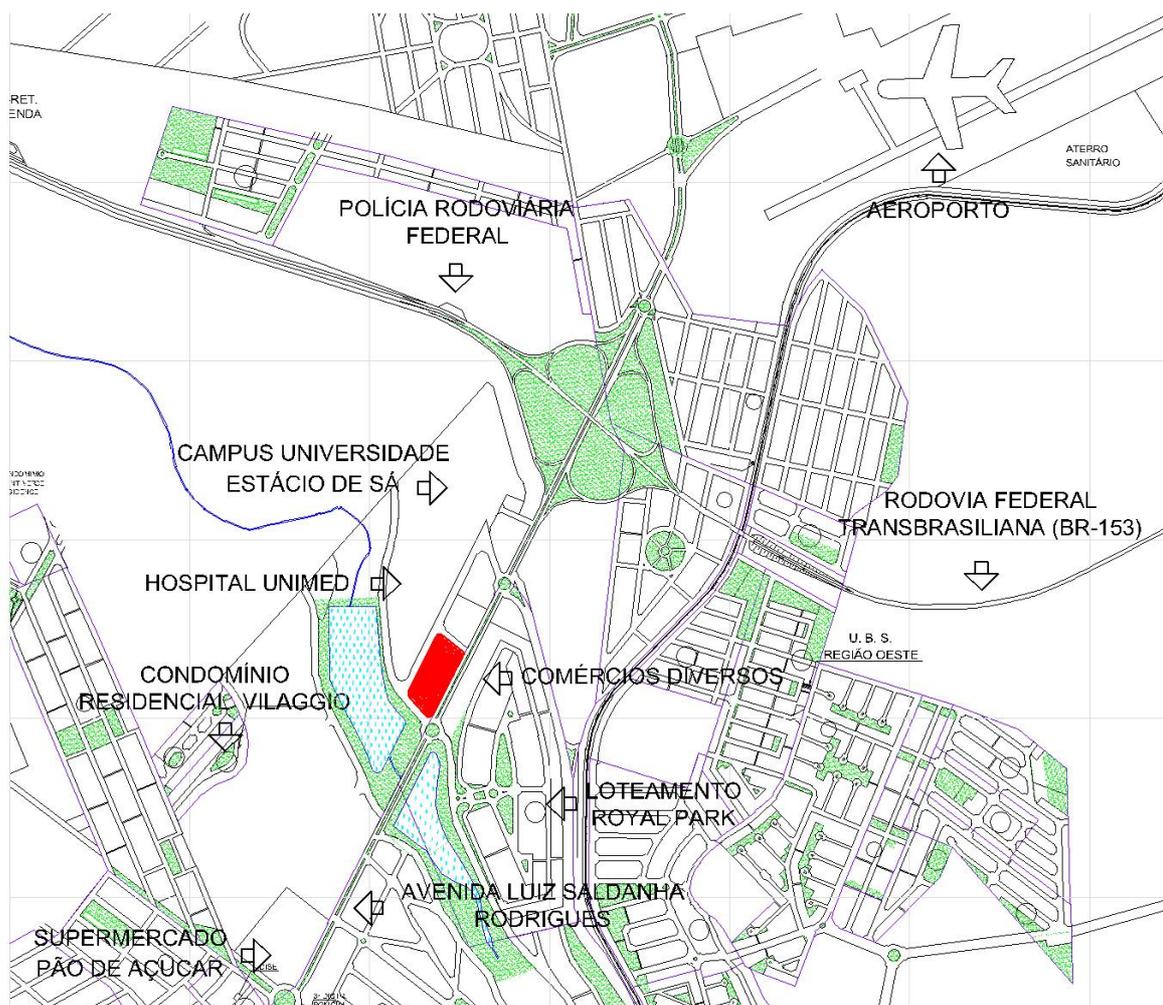
“[...] até um mês de idade. Acima dessa idade, as ocorrências mais comuns são de internações por problemas respiratórios ou acidentes de trânsito.” (KAI, 2001)

Em um relato feito por um acompanhante de uma criança hospitalizada, extraído de BERGAN *et al* (2009, p. 657) ele declara sua vontade perante uma reforma em

determinado hospital: “Mais moderno, mais alegre, não seja tão seco, frio porque a criança já vem assustada, [...]”.

Com base na declaração acima, percebe-se quão importante e essencial se torna o partido arquitetônico unido com a funcionalidade de um projeto hospitalar.

Figura 5 – Mapa do Entorno



Fonte: Prefeitura Municipal de Ourinhos – Editada por Mireille Ramos

CONCLUSÃO: NECESSIDADE DE HOSPITAIS DE REFERÊNCIA EM PEQUENOS CENTROS

Os pequenos centros tendem a ficar desamparados em alguns setores públicos. Na área da saúde encontra-se de forma mais clara esse desamparo.

A tabela 2 mostra a quantidade de municípios que são amparados por leitos conveniados ou contratados com o SUS. Através da tabela, pode ser observado que muitas cidades não possuem leitos hospitalares, geralmente cidades com população abaixo de 5000 (cinco mil) habitantes. Quanto menor a cidade, (em proporção) o número de leitos por habitante tende a ser menor. As cidades menores (em número populacional) acabam sendo deixadas de lado quando se trata de algo que está fora da necessidade básica para a população. Os hospitais infantis acabam sendo denominados na maioria das vezes como desnecessários, pelo fato de que nos hospitais gerais também se encontra um núcleo pediátrico.

Porem, nem sempre é suficiente um núcleo pediátrico dentro de um hospital geral. Muitas vezes, famílias levam suas crianças à cidades distantes, onde se encontram os hospitais infantis, para receber os devidos tratamentos, que não puderam ser recebidos no hospital geral de sua cidade, causando desconforto a essas famílias, por terem de se adaptar a uma vida temporária longe de seus lares.

Mas o caso pode ser um pouco pior, pois essas famílias, muitas vezes, são pessoas carentes, que não tem condições financeiras para manter essa situação com total dignidade. Essa realidade é repetida diariamente nas pequenas cidades do país.

Manter as crianças dentro de uma sociedade que as proteja e dê todo o apoio necessário para uma qualidade de vida digna é um direito delas e um dever da sociedade.

Com a inserção de hospitais infantis capacitados nos pequenos centros, a população tende a ter mais tranquilidade e segurança em relação as suas crianças ao longo da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Letícia C. Scalia; REY, Luiza da Silva; BENACHIO, Manoele L. Fritz.

Toda Pessoa Grande já foi um Dia Criança. Curitiba-PR, 2010

BERGAN, Carla; BURSZTYN, Ivani; SANTOS, M. C. de Oliveira; TURA, L. F.

Rangel. **Humanização: Representações sociais do Hospital Pediátrico.** Rev.

Gaúcha Enferm., Porto Alegre-RS, 2009

BERGAN, Carla; BURSZTYN, Ivani; SANTOS, M. C. de Oliveira; TURA, L, F. Rangel. **Humanização nos Espaços Hospitalares Pediátricos**. Anais do I Congresso Nacional da ABDEH, 2004

BRAGA, Tereza Garcia. **Gestão de Hospitalidade na Universidade de Pediatria Clínica do Hospital Universitário de Brasília**. Brasília-DF: Universidade de Brasília – UNB, 2009

CORNÉLIO, Christie. **Arquitetura Hospitalar: um conceito sempre em alta**, 2008

GÓES, Ronald de. **Manual Prático de Arquitetura Hospitalar**. São Paulo: Edgard Blucher Ltda., 2004

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acessado em 25 abr. 2011-06-07

JÁRMY, Zsuzsanna. **Até que Idade ir ao Pediatra**. Disponível em: <<http://revistaautoesporte.globo.com>> Acessado em 17 mai. 2011

KAI, Thelma Yeda Roder. **UTI Infantil Reduz Índice de Mortalidade**. Reportagem Local. Ourinhos-SP, 2001

MAGALHÃES, Adriana C. de Almeida. **Serviços Hospitalares SUS no Estado de São Paulo**. São Paulo-SP, 2005

PEQUENO PRÍNCIPE, Hospital. Disponível em: <<http://www.hpp.org.br>> Acessado em 9 jun. 2011

SÉRGIA, Maura. **Brasil precisa evitar migração de médicos do SUS para Grandes Centros**. Organização Pan-Americana da Saúde – OPAS, 2011